

## Os Novos Movimentos Sociais e sua articulação em rede<sup>1</sup>

Láís Siqueira Ribeiro Cavalcante

[lais.cavalcante@ufabc.edu.br](mailto:lais.cavalcante@ufabc.edu.br)

Universidade Federal do ABC - (UFABC)

Área temática: Participación, representación y actores sociales

### Resumo

A década de 1980 foi um momento de transição na América Latina, período pós ditadura militar, foi neste período que também emergiu o debate acerca dos Novos Movimentos Sociais (NMS), que se diferenciavam dos antigos movimentos por serem mais propositivos e menos reivindicativos. Ao invés de produzirem grandes mobilizações, estes são mais estratégicos e sua força é a ação através da participação cidadã, da inserção da sociedade nos grandes debates buscando maior autonomia, ou seja, ter pessoal capacitado para que possam ser representados nas discussões e nas mesas de tomadas de decisões no que tange às políticas públicas. Trata-se da busca pela universalização dos direitos sociais e de uma nova compreensão acerca da função e do papel do Estado. Os NMS estão conectados em redes, forma de organização horizontal e autônoma, que permite maior circulação de ideias, informações e de pessoas. As redes permitem uma cadeia de contatos que também determinarão as relações de poder e a influência que esses movimentos têm ao se articular. A internet é um meio digital que facilitou o diálogo e a junção de demandas heterogêneas a movimentos mais universais, como a luta pela paz, pelos direitos humanos, questões ambientais, de gênero, dentre outras. O presente artigo se propõe a tentar compreender e delimitar os momentos de transição pelos quais a América latina passou, e como essa nova configuração influencia na formulação da nova agenda de políticas públicas para a educação superior na Argentina.

Palavras-chave: Novos Movimentos Sociais; Redes de Movimentos Sociais; Políticas Públicas.

---

<sup>1</sup> Trabajo preparado para su presentación en el VIII Congreso Latinoamericano de Ciencia Política, organizado por la Asociación Latinoamericana de Ciencia Política (ALACIP). Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 22 al 24 de julio de 2015

## 1. Os Novos Movimentos Sociais

O presente artigo tem como objetivo definir os Novos Movimentos Sociais (NMS) no contexto da América Latina, a maneira como se articulam em rede, e de que forma atuam para conseguir mudanças efetivas na sociedade, no que tange à formulação de políticas públicas. Começarei pelas definições de NMS e de redes, e posteriormente analisarei como os NMS se comportam dentro das redes quanto a formulação de políticas públicas para o ensino superior na Argentina.

A construção de uma identidade de resistência surgiu na América Latina<sup>2</sup> devido ao processo pelo qual diversos países passaram, os regimes militares. Durante o período ditatorial, diversos movimentos sociais populares ganharam destaque, devido à sua luta frente ao regime que estava no poder. Ao final dos anos 1980 – processo de redemocratização na América Latina – há um enfraquecimento dos movimentos sociais; porém a partir de 1990 ocorre o surgimento de outras formas de participação popular, mais institucionalizadas, com novas características e poder de atuação.

Os movimentos sociais a partir da década de 1990 buscavam construir uma agenda visando à emancipação. Tais movimentos têm um caráter mais propositivo do que reivindicativo, e se articulam através de redes, que são vistas como facilitadores para a ação coletiva. Ademais, estarão preocupados com as demandas de políticas públicas, com uma maior participação da sociedade civil na tomada de decisões e na gestão dos negócios públicos. Estes são os Novos Movimentos Sociais (NMS) que:

podem ser considerados como as organizações populares que ganham visibilidade pelas novas formas de configuração da participação social, através da construção de identidades coletivas e laços sociais (redes sociais) em uma base holística, na qual se busca uma cidadania planetária, através de sua inserção nos espaços decisórios da política pública.<sup>3</sup>

Segundo Boaventura de Souza Santos, a maior novidade que trazem os Novos Movimentos Sociais é que eles são tanto uma crítica à regulação social capitalista quanto à emancipação social socialista, tal como foi definida pelo marxismo; ou seja, os Novos Movimentos Sociais identificam formas de opressão que excedem as relações de produção, e que muitas vezes não estão ligadas diretamente a ela, - como é o caso das guerras, da poluição, do machismo e do racismo - e por outro lado, ao defender um novo paradigma social menos baseado na riqueza e no bem-estar material do que na cultura e na qualidade de vida<sup>4</sup>. Assim sendo, essas questões não estão somente relacionadas ao modo como se trabalha e produz, mas sim com o modo como se descansa e vive. As formas de opressão alcançam diversos grupos sociais, não apenas uma classe, isso quando não afeta a sociedade em seu todo.

---

<sup>2</sup> Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. CASTELLS, M. **O Poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>3</sup> CALDAS, P. S. O Paradigma dos novos movimentos sociais para a defesa dos direitos da criança e do adolescente – breves análises. **Sociedade em Debate**, Pelotas, p. 69-78, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://rle.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/759/653>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

<sup>4</sup> SANTOS, B. S. Los nuevos movimientos sociales. **Debates**, p. 177-183, set. 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal5/debates.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

O autor também afirma que nos países em que os Novos Movimentos Sociais são fortes, é porque trazem uma herança dos velhos movimentos sociais, que também eram fortes e influentes. As estruturas organizativas dos movimentos sociais mudaram, e o estilo de ação política também, mas isto não faz com que haja uma ruptura de ideias, é exatamente esta herança que permitiu o surgimento dos NMS e é o que estabelece o elo entre os velhos e os novos movimentos. Muitas das demandas dos velhos movimentos sociais ainda existem, e não serão deixadas de lado, apenas serão incorporadas à novas ações que visem a mudança no presente, uma mudança mais efetiva, para que não fique sempre na sociedade do futuro, do planejamento. Os Novos Movimentos Sociais lutam por uma democracia participativa, não mais pela democracia representativa.

Uma das características que distingue os velhos dos novos movimentos sociais é a questão da universalização de demandas que antes eram particularistas, e a busca por mais autonomia. Conseguir se inserir em debates e questões que tendiam a ter menos atenção, como a defesa das culturas locais, reivindicação por ética na política, relações de gênero, raça, etnia, questões ambientais, etc. E desta forma influenciar na formulação de agenda, dessa vez não mais atuar contra o Estado, e sim buscar mecanismos de participação, como conselhos e fóruns.

Segundo Gohn<sup>5</sup>, existem dois tipos de associativismo, um que deriva dos processos de mobilização em massa (velhos movimentos sociais), e o que foi predominante nos anos 1990, o de mobilizações pontuais. A diferença entre esses casos é que no primeiro a mobilização é organizada pelos militantes que atuam em organizações, e tem um caráter mais revolucionário. Já no segundo, trata-se de uma forma de organização, que não necessariamente vincula um sujeito a uma organização, ele pode defender diversas bandeiras, e não somente a da organização que está vinculado, é um tipo de ativismo “que se fundamenta nos valores da democracia, da solidariedade e da cooperação e vem protagonizando ações para os excluídos, discriminados, carentes e dominados”<sup>6</sup>.

O novo associativismo tem esse caráter propositivo e menos reivindicativo, além de ser mais estratégico e pontual. Para que exista, ele necessita da participação da sociedade, enquanto o anterior se fortalecia dentro das organizações, que tivessem a ideologia mais próxima de seus objetivos.

Segundo Tilly<sup>7</sup>, quando falamos em movimentos sociais é possível notar um padrão de mobilização, ou seja, formas de articulação e ação que correspondem à um repertório de ação coletiva. Por repertório, o autor define ações bem sucedidas de mobilização de massa que articulem queixas e demandas coletivas, como por exemplo, marchas, assembleias, discursos, ocupação temporária de edifícios, envio de petições, greves, dentre outros. Vale ressaltar que estes padrões são variáveis podendo ser mais amplos ou limitados de acordo com as condições e transformações da sociedade. E também porque formas de ação bem sucedidas tendem a permanecer e as menos eficientes são excluídas. Desta maneira, os NMS articulados em rede e com a presença da internet trarão novas formas de ação e possivelmente uma mudança no repertório de mobilizações coletivas.

## 2. Os Novos Movimentos Sociais e a sociedade em rede

---

<sup>5</sup> GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2013. 17 p.

<sup>6</sup> SILVA, M. L. C, et al. Movimentos sociais e redes: reflexões a partir do pensamento de Ilse Scherer-Warren. **SciELO**, São Paulo n. 109, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000100007)>. Acesso em: 03 jan. 2015.

<sup>7</sup> TILLY, C. **Regimes and repertoires**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

A articulação dos movimentos sociais em rede permite o intercâmbio de ideias, informações e atribui maior poder aos envolvidos, sendo estes membros da sociedade civil, entidades, organizações, dentre outros atores. Com a articulação em rede é mais nítida a influência dos movimentos locais nos globais e vice-versa. Os movimentos não podem ficar voltados apenas para suas demandas locais, ainda que precisem da sua legitimidade para o fortalecimento da sua identidade, eles têm de agir sobre fontes reais de poder em nosso mundo, de âmbito global<sup>8</sup>. “As redes, as parcerias entre movimentos e as ONGs criaram um novo movimento social: contra a globalização predominante, geradora de miséria; eles clamam, articulados em redes internacionais, pela defesa da vida com dignidade”<sup>9</sup>. Segundo Manuel Castells:

A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida— o tempo e o espaço— mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes.<sup>10</sup>

Manuel Castells<sup>11</sup> parte do pressuposto de que as relações de poder são constitutivas da sociedade, e os que detêm o poder determinarão o funcionamento das instituições, segundo seus valores e interesses. Porém, ele coloca que onde há poder também há contrapoder, representado pelos atores sociais que questionam os valores das instituições, com o intuito de terem seus próprios valores e interesses também representados. “Dessa forma, quem detém o poder na sociedade em rede? Os programadores com a capacidade de elaborar cada uma das principais redes de que dependem a vida das pessoas (governo, parlamento, estabelecimento militar e de segurança, finanças, mídia, instituições de ciência e tecnologia etc.)”<sup>12</sup>. Segundo o autor, os movimentos sociais são capazes de exercer o contrapoder porque possuem autonomia de comunicação. Os meios de comunicação em massa são geralmente controlados, por governos e empresas de mídia, desta maneira, as redes de internet e as plataformas de comunicação sem fio se tornam o meio pelo qual a autonomia da comunicação é estabelecida.

Os NMS se articulam através de redes sociais de âmbito local, nacional e internacional, atuam cada vez mais por meio de veículos de comunicação e informação de fácil acesso, destacando a internet como ferramenta imprescindível para divulgação e fortalecimento das ações. A internet possibilita novas formas de manifestação e comunicação que ultrapassam as fronteiras físicas, culturais e de tempo e espaço, devido à rapidez de propagação da informação. Os movimentos sociais buscam então abrir um novo espaço público que não se limite a internet, uma vez que os espaços de deliberação público institucionais estão ocupados pelas elites dominantes e suas redes<sup>13</sup>.

---

<sup>8</sup> CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 116.

<sup>9</sup> GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 31.

<sup>10</sup> CASTELLS, M. **O Poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>11</sup> CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

A articulação dos movimentos sociais em rede abre espaço para uma democracia pluralista e que segundo Scherer-Warren<sup>14</sup>, na medida em que os movimentos sociais reconhecem suas semelhanças e respeitam suas diferenças somam às suas lutas. Alguns autores questionam essa pluralidade de demandas, pois afirmam que esse encontro de diversidades pode apontar para a fragilização do movimento social, pois muitas de suas reivindicações são perdidas quando postas em uma rede, ambiente no qual serão discutidas questões mais universais. Porém, para Scherer-Warren, este processo “representa um avanço no plano do reconhecimento intersujeitos e interorganizacional, criando um potencial de democratização no âmbito das relações sociais e políticas”<sup>15</sup>.

A atuação dos movimentos sociais em redes pode ser vista como uma estratégia de ação coletiva, na qual há maior horizontalidade e cooperação. Segundo Scherer-Warren<sup>16</sup>, a ideia de rede vem sendo usada como conceito propositivo<sup>17</sup> por atores coletivos e movimentos sociais. A autora trabalha com dois tipos de redes, “rede como parte constituinte do próprio sistema/estrutura social”<sup>18</sup>, e “rede como relação entre indivíduos, em decorrência de conexões pré-existentes”<sup>19</sup>. Ainda de acordo com a autora, atores coletivos que possuem identidades diversas, se articulam em redes a partir de conexões pré-existentes. Dessa maneira, os sujeitos que são marginalizados e discriminados e que lutam pela inclusão social veem na articulação em rede uma forma de terem seus direitos e demandas legitimadas; porque as redes “aproximam e criam espaços interorganizacionais de trocas materiais e simbólicas, de comunicação e debate entre as bases das ações coletivas, os agentes políticos mediadores e outras redes interorganizacionais diversas”<sup>20</sup>.

Além disso, através das ferramentas de comunicação que a internet oferece, uma nova rede de solidariedade e de simpatizantes pode ser facilmente construída, gerando novas formas de ativismo. As políticas de âmbito local se tornam presentes na mídia internacional, chamando atenção para a realidade daquele país, e muitas vezes servindo de inspiração para outras regiões. Foi o que aconteceu na Primavera Árabe que começou com uma onda de protestos na Tunísia, e foi disseminada pelo Oriente Médio gerando manifestações por toda a região. Caso semelhante aconteceu no Brasil no ano de 2013, com as Jornadas de Junho, que protestavam contra o aumento das tarifas dos ônibus na cidade de São Paulo, e em poucas semanas diversas lutas foram somadas a esta causa, o que gerou diversas manifestações por todo o país, além de contar também com manifestações de brasileiros que viviam no exterior. Em ambos os casos o que permitiu a rápida difusão das notícias e a articulação em massa foi a

---

<sup>14</sup> SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América Latina – caminhos para um política emancipatória. **SciELO**, Salvador: n. 54, sep./dec. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000300007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000300007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 05 jan. 2015.

<sup>15</sup> SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América Latina – caminhos para um política emancipatória. **SciELO**, Salvador: n. 54, sep./dec. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000300007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000300007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 05 jan. 2015.

<sup>16</sup> SCHERER-WARREN, I. **Metodologia de redes no estudo das ações coletivas e movimentos sociais**. In: Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 21-30.

<sup>17</sup> Refere-se a uma estratégia de ação coletiva, i.é., a uma nova forma de organização e de ação (enquanto rede).

<sup>18</sup> A estrutura da sociedade se define pelo conjunto de relacionamentos sociais existentes, os quais estão organizados sob forma de redes. É esta interdependência grupal que forma um sistema social funcionamento integrado.

<sup>19</sup> Trata-se pois das relações semi-formalizadas, que não respondem por si pela formação sistêmica. Ex: vizinhança, parentesco, amizade, trabalho, etc.

<sup>20</sup> SILVA, M. L. C, et al. Movimentos sociais e redes: reflexões a partir do pensamento de Ilse Scherer-Warren. **SciELO**, São Paulo n. 109, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000100007)>. Acesso em: 03 jan. 2015.

internet e as redes sociais. Todos os eventos eram criados nas redes e compartilhados por diversos atores, o que permitiu que milhões de pessoas saíssem às ruas e lutassem por mudanças em suas cidades e cobrassem dos governadores melhores condições e maior transparência nas ações.

As manifestações virtuais são denominadas de ciberativismo, este tem sua origem na década de 1990 com a popularização da internet. De acordo com Alcântara e Brito d'Andréa<sup>21</sup>, o ciberativismo não fica restrito ao espaço virtual, ele pode operar no espaço *off-line*. E então a partir da obra de outros autores, eles definiram três tipos de ciberativismo: 1. Iniciativas de conscientização e apoio, que se colocam como uma alternativa aos meios de comunicação de massa e de maior alcance; 2. Organização e mobilização pela internet; 3. “Hacktivismo: ativismo realizado por hackers”.

Sem a utilização da internet, seria quase impossível articular tão rapidamente a presença de diversos atores para lutar por uma causa, pode-se então afirmar que a utilização dessas ferramentas de comunicação facilita a ação coletiva. A comunicação em rede é descentralizada, e como dispõe de uma gama de atores bem heterogênea, é de difícil previsão, e conseqüentemente, mais difícil de ser desarticulada. De acordo com Castells, a internet “é a infra-estrutura material de uma determinada forma organizacional: a rede”<sup>22</sup>. O autor ainda acrescenta que os movimentos sociais na sociedade em rede tem de preencher o vazio deixado pela crise das organizações verticalmente integradas herdadas da Era Industrial. Seriam estas, os partidos políticos de massa, os sindicatos, as associações cívicas formais e seus conglomerados organizacionais. Nas palavras de Castells:

“Isso não significa que as pessoas deixaram de se organizar e de se mobilizar na defesa de seus interesses, ou na afirmação de seus valores. Mas coalizões frouxas, mobilizações semi-espontâneas, e movimentos *ad hoc* do tipo neo-anarquistas substituem as organizações formais, estruturadas e permanentes. Movimentos emocionais, muitas vezes desencadeados por um evento de mídia, ou por uma crise de vulto, parecem muitas vezes ser fontes mais importantes de mudança social que a rotina diária de ONGs zelosas<sup>23</sup>”.

Outro fator que também permitiu aos movimentos sociais maior poder de atuação foi a redução dos valores para o transporte aéreo, para participar de encontros, fóruns, congressos, e diversas atividades em outros estados e países. Ainda que a internet seja um mecanismo muito forte e presente na era da globalização, os encontros presenciais fortalecem as ações conjuntas para a mudança social. Para Castells, o apoderamento da internet pelos movimentos sociais é tamanho que estes foram capazes de transformar um instrumento corporativo em uma ferramenta de mudança social.

Os Novos Movimentos Sociais sofrem algumas críticas, dentre elas a de que eles não trazem nada de novidade, apresentam as mesmas reivindicações dos antigos movimentos, apenas alterando o contexto no qual estão inseridos. Os autores que criticam o conceito de NMS, também irão apontar para a perda da identidade singular de cada movimento, porque ainda que as redes tenham a capacidade de unir demandas diversas em uma questão macro, estas fazem com que certas demandas mais particulares de cada movimento fique de fora da

---

<sup>21</sup> ALCANTARA, L. M.; BRITO D'ANDREA, C. F. **Redes de movimentos sociais e intervenção na esfera pública interconectada**: um estudo da campanha pelo limite da terra na internet. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=7827&Itemid=76](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=7827&Itemid=76)>. Acesso em: 05 jan. 2015.

<sup>22</sup> CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 116.

<sup>23</sup> CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 117.

mesa de negociações, uma vez que os novos movimentos sociais apresentam questões mais universalistas. De acordo com Boaventura de Sousa Santos, *“la novedad de los NMSs no reside en el rechazo de la política sino, al contrario, en la ampliación de la política hasta más allá del marco liberal de la distinción entre estado y sociedad civil”*<sup>24</sup>. Trata-se da inclusão de atores nos mais variados meios de participação, para a formulação de políticas públicas.

Esse novo cenário, no qual os movimentos encontram-se conectados em rede gera um paradigma que versa sobre participação x pressão, e ativismos x militância. Segundo Silva,

Os estudos sobre as redes sociais como estratégia de ação coletiva vêm responder o desafio de pensar a articulação dessa diversidade, no seu papel de "ressignificação dos processos de colonização na América Latina e para a criação de significados em comum para a superação dos legados históricos opressores" (Scherer-Warren, 2009, p. 24). São consequências das influências teóricas escolhidas, tanto na elaboração do conceito teórico-metodológico quanto na compreensão da relação ou prática social das redes como estratégia de ação coletiva e dos novos movimentos sociais como sujeito coletivo.<sup>25</sup>

Assim sendo, nota-se que o processo de transição dos velhos para os novos movimentos sociais acompanhou o processo de globalização, que trouxe a internet como a ferramenta fundamental para a articulação dos movimentos sociais em rede. Ainda que haja um debate que questione essa transição é inegável que houve uma mudança na forma de atuação dos movimentos sociais e que as redes possibilitaram uma nova forma de mobilização atingindo maiores números de pessoas e os grandes meios de comunicação. “As relações e as posições nas redes constituem estruturas relacionais que constroem escolhas, dão acesso diferenciado a bens e instrumentos de poder, tornam certas alianças ou conflitos mais ou menos prováveis e influenciam os resultados da política”<sup>26</sup>. A posição dos movimentos sociais nas redes é o que determinará o sucesso de suas ações, se suas demandas serão consideradas e futuramente se comporão a agenda governamental.

### 3. Os movimentos sociais e as políticas de educação superior na Argentina

Na América Latina, de modo geral, são poucos os trabalhos desenvolvidos que abordam as relações entre movimentos sociais e educação, o que dificulta a análise comparativa entre as realidades desses países. No entanto, já é possível notar a abertura de novos mecanismos para a atuação em conjunto dos movimentos sociais e da sociedade civil no debate da educação. De acordo com Gohn:

A relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações. No meio acadêmico, especialmente

---

<sup>24</sup> SANTOS, B. S. Los nuevos movimientos sociales. **Debates**, p. 177-183, set. 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal5/debates.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

<sup>25</sup> SILVA, M. L. C, et al. Movimentos sociais e redes: reflexões a partir do pensamento de Ilse Scherer-Warren. **SciELO**, São Paulo n. 109, jan./mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000100007)>. Acesso em: 03 jan. 2015.

<sup>26</sup> MARQUES, E. C. Redes Sociais e poder no Estado brasileiro: aprendizados a partir de políticas urbanas. **SciELO**, São Paulo, feb. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 nov. 2014.

nos fóruns de pesquisa e na produção teórico-metodológica existente, o estudo dessa relação é relativamente recente. A junção dos dois termos tem se constituído em “novidade” em algumas áreas, como na própria Educação – causando reações de júbilo pelo reconhecimento em alguns, ou espanto e estranhamento – nas visões ainda conservadoras de outros. No exterior, a articulação dos movimentos com a educação é antiga e constitutiva de alguns grupos de pesquisa, como na International Sociological Association (ISA), Latin American Studies Association (LASA), Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS) etc<sup>27</sup>.

Os Novos Movimentos Sociais por estarem organizados em redes conseguem expandir a discussão para o âmbito internacional, dentro das universidades também há um processo de maior inserção de lideranças políticas, e de militantes, pois estes querem se especializar para poder dispor do conhecimento técnico necessário para quando estiverem em uma mesa de negociação, e dessa maneira poder defender suas lutas em conjunto com a sociedade.

Em 1950 o número de matrículas no nível superior para a América Latina e Caribe chegava a 300.000 alunos, no ano de 1997 aumentou para 9,4 milhões de pessoas. Na Argentina a expansão ocorreu em maior escala a partir dos anos 1980, com o processo de redemocratização e com o estabelecimento de políticas de ingresso nas universidades e a gratuidade das universidades nacionais.<sup>28</sup> Durante o período ditatorial, diversos cursos foram fechados e estudantes de determinadas áreas do ensino universitário eram perseguidos, o que fez com que se acentuasse a queda de estudantes ingressantes, e por outro lado fez com que o número de estudantes no ensino técnico aumentasse.

O sistema universitário na Argentina esteve sempre muito atrelado ao desenvolvimento econômico do país, uma vez que a verba destinada a educação é calculada por uma porcentagem do PIB, podendo esta ser variável. Devido às inúmeras crises econômicas e a problemas financeiros pelos quais o país passou o acesso às universidades acabou ficando restrito, uma vez que os investimentos no setor foram reduzidos. Estudantes de baixa renda tinham como opção apenas o ingresso nas universidades estatais que dispunham de vagas concorridas, e que não eram suficientes para todos os interessados. As instituições privadas têm um maior número de vagas, porém não oferecem nenhum tipo de suporte para quem não é capaz de arcar com os custos do estudo, e tampouco o estado o faz.

A partir dos anos 1990, há um aumento expressivo no número de universidades privadas e estatais na Argentina; aumento tão elevado que impossibilita a garantia e controle do ensino de qualidade no país. Este cenário mudou com a criação da “*Ley de Educación Superior*” que tinha como objetivo regular o ensino e estabelecer padrões e formas de avaliação.<sup>29</sup> Neste mesmo período houve um crescimento dos cursos técnicos de curta duração estes eram, em sua maioria, voltados para a área de ciência e tecnologia que focava na inserção dos jovens no mercado de trabalho.

A oferta de vagas neste período já era insuficiente para a demanda de estudantes com a intenção de ingressar em uma universidade. As políticas públicas para a educação incentivavam a criação de universidades privadas, pois acreditavam que estas viriam a complementar o ensino público que era ofertado, porém o resultado foi inverso, estas passaram a competir com as universidades públicas, com cursos e grades curriculares bem similares, e que só permitiam acesso a quem pudesse pagar pelo ensino, impossibilitando novamente o ingresso dos que possuíam baixa renda.

---

<sup>27</sup> GOHN, M. G. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, v. 16, n. 47, maio./ago. 2011

<sup>28</sup> ROJAS, M. L. **Educación Superior en Argentina: ¿Un sistema fuera de control?**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=60424161005>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

<sup>29</sup> ROJAS, M. L. **Educación Superior en Argentina: ¿Un sistema fuera de control?**. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=60424161005>>. Acesso em: 24 abr. 2015. p. 98.

Atualmente, o governo argentino passa por um processo de maior investimento e tentativa de remodelamento do ensino superior, para que possa garantir um ensino público e de qualidade para todos os cidadãos. Devido à demanda por uma educação de qualidade e por mais vagas no ensino superior, diversos atores sociais se articularam em rede e passaram a pressionar o Estado, cobrando deste mais investimento e oportunidades. Porém, tais transformações são lentas e exigem constante cobrança por parte da sociedade. É neste caminho que seguem os movimentos na Argentina. Ainda que os governos Kirchner tenham dado maior abertura e possibilitado maior representatividade para os movimentos sociais, muitas demandas ainda não foram superadas, e exige articulação constante de diversos atores sociais.

#### 4. O legado dos movimentos sociais

Pode-se concluir que as redes são organismos extremamente complexos, e que sua articulação fortalece as lutas dos movimentos sociais, que rejeitam as configurações que as políticas neoliberais têm tomado, já que estas geram exclusão social, e desigualdade. Através desta nova configuração, também foi possível conhecer o funcionamento do Estado e seus governos profundamente, resultando numa crítica severa à corrupção, à falta de ética na política, e à busca por mais espaços participativos.

O motivo pelo qual se escolhe estudar os movimentos sociais e sua influência nas políticas para educação superior podem ser os mais diversos possíveis, mas a única maneira de avaliar um movimento social é pela sua produtividade histórica e social, analisar sua trajetória e de que forma foi capaz de transformar a sociedade. Pode-se afirmar que regimes ditatoriais foram derrocados, que instituições foram questionadas, e mais ainda, que o sistema capitalista vigente demonstrou suas fraquezas e possibilitou o surgimento de novas lutas, de alternativas dentro de uma grande desigualdade.

Vivemos em uma sociedade que busca alternativas para as formas de representação, uma democracia mais representativa. Os movimentos sociais articulados em rede “são novos tipos de movimentos democráticos, movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet, fazendo experiências com as tomadas de decisão com base em assembleias e reconstituindo a confiança como alicerce da interação humana.”<sup>30</sup>

Os movimentos sociais lutam por oportunidades iguais à um ensino superior de qualidade, reivindicam lugar para os filhos de trabalhadores, operários, negros, índios, e outras minorias. Enquanto a sociedade estiver alicerçada em uma educação discriminatória e mercadológica, muito provavelmente continuaremos caminhando a pequenos passos, esta é uma realidade que assola diversos países, a Argentina não é o único país que apresenta esse cenário. Os cidadãos precisam de meios e formas para se autogovernarem, sem estas as políticas públicas sempre serão ineficazes ou incompletas, porque partem de cima para baixo e não visam solucionar problemas reais, são apenas medidas paliativas. Nas palavras de Castells, “o legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdadeira democracia.”<sup>31</sup>

Ainda que os Novos Movimentos Sociais tenham um longo caminho a percorrer para atingir um nível de maior igualdade nos países da América Latina, estes encontraram ferramentas que facilitaram suas ações, e mecanismos de participação que permitiram sua entrada em mesas de negociações que até então eram restritas a técnicos. O constante embate

---

<sup>30</sup> CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

da sociedade civil e de diversos atores que tentam se inserir na formulação de políticas públicas, apresenta breves sinais de que a sociedade não está satisfeita com uma política que é feita de cima para baixo, ela quer mais participação nas políticas que serão coordenadas para o seu bairro, cidade e estado; querem mais horizontalidade e transparência nas ações do Estado, não se trata apenas de reivindicações, agora apresentam projetos e soluções para a realidade local e para mudanças efetivas.

Por fim, é muito cedo para avaliar se as medidas e formas de ação dos Novos Movimentos Sociais são eficazes no âmbito do ensino superior argentino, mas pode-se afirmar que já apresentam resultados, mostrando novas diretrizes e alternativas.

## Bibliografia

ALCÂNTARA, L. M; BRITO D'ANDRÉA, C. F. **Redes de movimentos sociais e intervenção na esfera pública interconectada**: um estudo da campanha pelo limite da terra na internet. Disponível em:

<[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=7827&Itemid=76](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=7827&Itemid=76)>. Acesso em: 05 jan. 2015.

CALDAS, P. S. O Paradigma dos novos movimentos sociais para a defesa dos direitos da criança e do adolescente – breves análises. **Sociedade em Debate**, Pelotas, p. 69-78, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://rle.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/759/653>>. Acesso em: 03 jan. 2015.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Sociedade Civil no Brasil: movimentos sociais e ONGs. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 5. n. 14, p. 238-253, mai./ago. 2013.

MARQUES, E. C; BICHER, R; MOYA, E. Notas sobre el análisis de redes sociales en Brasil. **REDES – Revista hispana para el análisis de redes sociales**, v. 25, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistes.uab.cat/redes/article/view/v25-n1-marques-bichir-moya/pdf-es>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

MARQUES, E. C. Redes Sociais e poder no Estado brasileiro: aprendizados a partir de políticas urbanas. **SciELO**, São Paulo, feb. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ROJAS, M. L. **Educación Superior en Argentina**: ¿Un sistema fuera de control?. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=60424161005>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

SANTOS, B. S. Los nuevos movimientos sociales. **Debates**, p. 177-183, set. 2001.  
Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal5/debates.pdf>>.  
Acesso em: 03 jan. 2015.

SILVA, M. L. C, et al. Movimentos sociais e redes: reflexões a partir do pensamento de Ilse Scherer-Warren. **SciELO**, São Paulo: n. 109, jan./mar. 2012. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000100007)>.  
Acesso em: 03 jan. 2015.

SCHERER-WARREN, I. **Metodologia de redes no estudo das ações coletivas e movimentos sociais**. In: Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 21-30.

\_\_\_\_\_. Redes de movimentos sociais na América Latina – caminhos para um política emancipatória. **SciELO**, Salvador: n. 54, sep./dec. 2008. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000300007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792008000300007&script=sci_arttext)>.  
Acesso em: 05 jan. 2015.

TILLY, C. **Regimes and repertoires**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.